

A INTERAÇÃO SUJEITO-LINGUAGEM EM LEITURA **

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o texto como dispositivo de produção de sentido que veicula diferentes linguagens. Ao interagir sujeito e texto verbal ou não-verbal, há tensão entre mundos diferentes, todos fonte de sentido que configuram a leitura: espaço de manifestação de linguagem.

ABSTRACT

This paper aims at discussing texts as means of meaning production which vehiculates different discourses. There is tension between different worlds when subject and verbal or non-verbal texts interact. These worlds are sources of meaning that make reading possible.

* Departamento de Letras Vernáculas. FALE/UFMG.

** Texto apresentado no I Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal ocorrido em 1993 no Instituto de Letras da Universidade de Brasília - DF.

INTRODUÇÃO

A experiência humana é plural. Historicamente, verificou-se que o homem se submeteu a uma série de adaptações às novas condições que lhe foram impostas, ao longo das diversas "eras" que atravessou: a era da pré-escrita, em que a realidade era representada sob diversas formas, a exemplo das pinturas primitivas, que funcionavam, inicialmente, como expressão visual das idéias. Na pintura pré-histórica, as figuras representavam animais comestíveis e a imagem humana, embora rara, quando aparecia, era predominantemente feminina e as mulheres desenhadas, gravadas, esculpidas ou modeladas possuíam formas exageradamente volumosas associadas, ao que se presume, à idéia de fecundação. Mais tarde, as figuras foram se tornando mais simplificadas e a intenção de narrar um fato é percebida com o desenvolvimento do sistema pictográfico em que cada figura representava um conceito.

A era da escrita, inaugurada pelos hieróglifos dos egípcios, pelos ideogramas dos chineses, fez com que os povos sintetizassem suas formas de escritura diminuindo o número de sinais empregados. Os fenícios desenvolveram um sistema de escrita composto de 22 a 25 sinais que representavam unidades de som, as quais, em conjunto, constituíam as palavras.

O texto escrito, que por um longo período foi privilégio das elites sociais, deixou de sê-lo com a invenção da imprensa que, ao substituir o sistema de xilografia, inaugura uma era que proporcionou inúmeros benefícios à humanidade, tornando o livro barato e a cultura ao alcance de todos. Finalmente, na era da eletrônica, a analogia e a síntese passaram a ser exigidas em face do processo de produção, cujas preocupações estão

centradas na recepção, valorizando-se o signo não-verbal, que ganha espaço nas eras da mecanização, da automação e da computação. Apesar de sofrer as constantes modificações de cada era vivida pelo homem, a linguagem humana, em sentido amplo, é perpetuada e existirá enquanto houver a necessidade de se estabelecer contato comunicativo com o outro.

Não há dúvida de que estão sendo consideradas aqui todas as formas assumidas pela linguagem que servem aos propósitos interativos da comunicação, sem, contudo, levar à mais extensa conceituação encontrada em Freud, para quem todo sintoma é tentativa de comunicação (*apud* PENNA, 1976). Assim, estão sendo levados em conta todos os signos utilizados pelo homem, ou seja, conforme PIERCE: os ícones (uma imagem, uma música), os índices (uma nuvem de chuva, uma impressão digital), os símbolos (a palavra, a verbalização), todas essas formas integrantes da linguagem. Os signos interagem-se, distanciam-se, fundem-se, entrecruzam-se, sobrepõem-se... O homem é sujeito praticante de leitura, uma vez que decifra, compreende, interpreta, avalia o signo. Sendo sujeito leitor, simultaneamente, lê palavras, formas, cores, sons, volumes, texturas, gestos, movimentos, aromas, atitudes, fatos. Este sujeito interage com diversas formas de linguagem, através da sua leitura do mundo.

A LEITURA SOB TRÊS ENFOQUES

Tendo em vista a amplitude da tarefa de examinar as condições de interação sujeito/linguagem em leitura, considerando esta lugar de produção de sentido, lugar de constituição de significado, a partir da relação que se estabelece entre o leitor e um texto verbal ou não-verbal, tentar-se-á analisar o ato de ler sob três enfoques que se complementam:

1. a leitura como habilidade fundante do ser humano;
2. a leitura como prática social;
3. a leitura como ato de co-produção de textos.

Em qualquer dos enfoques, há elementos sem os quais não existe a possibilidade de linguagem: o texto, verbal ou não-verbal como lugar onde a função do ato de ler se opera, e o sujeito, agente dessa função. Refere-se neste trabalho, ao texto como produção que veicula significado, independente de sua forma física. Toma-se por texto uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação comunicativa. No universo dos textos não-verbais, há transformação do não-lingüístico em leitura (que nem sempre é tradução de sensação em palavras, muitas vezes é sinestesia, forma vivida de linguagem). Tomada em seu sentido restrito, a linguagem compreende apenas o texto verbal (oral

ou escrito) e, nesse universo, há igualmente possibilidade de leitura que pode ir além da empostação de voz ou da página impressa. Havendo reação do sujeito a quem se emitiu o texto, há interação com a linguagem que, segundo SAPIR (1954), é uma faculdade imensamente antiga da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material.

Apesar de partir da decifração de textos verbais e não-verbais, a leitura não se restringe a isso, que é apenas um primeiro momento de um longo caminho a ser percorrido pelo sujeito/leitor. É certo que há decodificação, porém, a esta precede o momento da percepção da existência do texto pelo sujeito que, por sua vez, abre sua consciência para o mesmo. Entretanto, nenhum significado (So) é assegurado de imediato ao projetar-se sobre um significante (Se), como afirma MARI (1992):

Atrás de um Se necessariamente não habita um So, pronto para ser decifrado. O Se, portanto, não é garantia de nenhum So, mas é claro que as regras desse jogo não são arbitradas pelo usuário: a relação Se/So, na sua origem, insere-se numa gama de escolhas possíveis estrutural e socialmente.

O texto, unidade complexa de significação, instaura um espaço de interlocução no qual intervêm elementos contextuais e intertextuais, uma vez que é resultado de absorções e transformações de outros textos. A leitura, produção tão ativa quanto a produção textual, acontece ao dar ao texto nova vida, ao desencadear um processo criativo de compreensão e interpretação em face do mundo exterior percebido e do mundo subjetivo de cada leitor.

1. A leitura como habilidade fundante do ser humano

A referência à leitura, enquanto habilidade que inaugura o indivíduo como ser humano, sugere que o conceito de leitura seja sobreponível ao de linguagem, afirmando-se que o homem, ao seu princípio, é um ser, antes de alçar-se à condição de sujeito e entendendo-se por "sujeito" as duas possibilidades de significação que o vocábulo evoca: sujeito, sujeito a algo; e o sujeito, agente sobre algo.

É, em tais aspectos, que se coloca a habilidade de leitura como linguagem e meio de fundação do sujeito-humano. As ciências psicológicas admitem que uma das primeiras manifestações de leitura do ser humano se dá quando o bebê, saciado, move sua cabeça de lado a lado, inaugurando, assim, o princípio do "não". Esta é uma leitura da realidade, que provoca a contrapartida da leitura interpretativa da mãe que o amamenta.

Se este é o princípio, a evolução da leitura deverá, virtualmente, conduzir o bebê aos domínios do simbólico, do arbitrário, dos signos, da linguagem, da sociedade humana. É desde esses rudimentos que o sujeito se vem “sujeitando” aos agentes que o formalizam enquanto ser social.

2. A leitura como prática social

De modo geral, os princípios que norteiam a produção da leitura são os mesmos que informam toda a atividade em que o uso da linguagem clareia os fins determinados pelo texto ao se manifestar. O sujeito leitor (assim como o texto) se constrói em um contexto social. Ao se expressar, o emissor do texto revela marcas de sua individualidade, produto de suas características psicológicas e sócio-culturais. O leitor apropria-se da linguagem, num movimento individual, deixando o registro de seu lugar social no texto lido. As marcas individuais e as determinadas pelo lugar social de onde provém o sujeito estarão presentes tanto na produção do texto quanto na da leitura. A interação sujeito/linguagem na leitura é caracterizada por uma situação de intersubjetividade do leitor/texto que se relacionam durante a enunciação, ambos com identidades sociais próprias.

Geralmente, pela educação “formal”, atinge-se a condição de leitor: aquele que é capaz de ler textos predominantemente escritos e, assim fazendo, reproduzi-los. O grande problema está em privilegiar-se a leitura parafrásica, incentivada pela sociedade como um todo, que valoriza a leitura denotativa, singular, com o objetivo de modelar e padronizar o grupo. O sujeito-leitor é levado a reproduzir as leituras pré-estabelecidas pelo social; estando condicionado a isso, nega-se a mergulhar no texto porque não lho é exigido e, muito menos, aplaudido na prática.

Faz-se conveniente saber ler como a maioria: a interpretação “socialmente correta” do texto verbal e não-verbal distingue os grupos sociais, discriminando os que não se sujeitam ou ajustam a ela. É conveniente ler uma pintura abstrata pós-vanguarda e ter algo a dizer sobre ela que seja socialmente aceito pelo chamado “senso comum”. Esse modelo de leitura prevê uma única possibilidade de compreensão do texto, tomando-se por padrão ideal a leitura produzida pela classe dominante.

3. A leitura como ato de co-produção do texto

A leitura acontece ao desencadear-se o processo criativo em que sujeito e linguagem interagem permanentemente, uma vez que o texto nunca está acabado, não é produto, antes, dispositivo de produção. O texto verbal ou não-verbal é enunciação projetada, continuada “*ad infinitum*” e perpetuada

pelo leitor, um exercendo influência sobre o outro. Na relação entre a página impressa, a imagem acústica ou visual e o sujeito leitor, este dá ao texto um sentido, uma forma, uma dimensão dentro da multiplicidade de possibilidades que a linguagem permite. A leitura produto é pessoal, individual, determinada pelas condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas do leitor, portanto, é variável, porque o texto apresenta lacunas que convidam o leitor a preenchê-las. Nesse processo ativo, os espaços textuais serão ocupados pelo eu/sujeito/leitor/ser-do-mundo a seu modo: ele pode produzir do mesmo texto diferentes leituras, passíveis de variação de momento para momento, pois a relação leitor/mundo/contexto também é passível de mudanças (as novas experiências pessoais interferem nas impressões que se têm sobre a realidade, sobre modo de ver, de estar e viver no mundo).

Através do processo de interação sujeito/linguagem gerado pela leitura, o leitor será co-produtor do texto, completando-o com sua bagagem histórico-sócio-cultural. Para que essa co-produção se efetue, é necessária a ativação de todo um processo cognitivo, desde a percepção do texto e sua posterior decodificação, passando pela compreensão, pelos processos inferenciais até a interpretação, que é um novo texto.

À medida que uma leitura é feita, os processos inferenciais, baseados nos conhecimentos armazenados e organizados pela memória, geram expectativas, de acordo com a bagagem pessoal do leitor. A resposta a essas expectativas será dada pelas informações explícitas do texto, bem como pelas implícitas, que serão dele inferidas. Da apreensão dessas informações será feita uma representação mental, dinâmica, podendo esta ser modificada por outras inferências, geradas a partir da representação mental inicial.

O dinamismo desse processo inferencial e representativo permitirá que o leitor interprete o texto, recriando-o e preenchendo suas lacunas com seu próprio "eu", como sujeito psico-histórico-sócio-cultural, agora enriquecido pelas novas informações apreendidas do texto.

No caso do texto escrito, a leitura co-produtora é aquela intersticial entre o autor, o texto em si, enquanto manifestação de linguagem, e o sujeito-leitor, cuja objetividade cognitiva lê a produção contida no texto-forma e cuja subjetividade é interacional com a linguagem do emissor, para produzir um novo texto-conhecimento, advindo tanto dos caracteres denotativo e conotativo quanto dos espaços lacunares do texto original.

CONCLUSÃO

O ser humano é produtor e receptor de uma rica variedade de sensações simultâneas que lhe proporcionam experiências diversas. Essas

experiências, com o passar dos anos, mostram a trajetória da humanidade, como demonstram as características das linguagens de cada era vivida pelo homem. Assim, a história do homem se diversifica em função da sua necessidade de estabelecer contato comunicativo com o outro.

A leitura, meio de fundação do homem, prática social, co-produção de textos, é processo que se movimenta entre o que se reconhece no texto e o que se expropria dele; revelando estratégias dinâmicas de produção de sentido que possibilitam as várias condições de interação entre sujeito e linguagem.

O texto adquire vida e se converte em uma personalidade que respira individualmente, ao ser percebido pelo leitor que, com ele, estabelece uma relação interativa. O sujeito, como agente dessa relação, faz uma leitura textual com todo o seu ser: olhos, ouvidos, sentimentos, pensamentos e sua bagagem sócio-cultural. Como paciente, como aquele que se sujeita ao processo interativo, o leitor constitui-se, representa-se, identifica-se e projeta-se no texto. E, como co-produtor de leitura, o leitor aproxima-se e distancia-se das idéias que o texto sugere, mesclando às suas idéias as saliências textuais que lhe sobressaem, o que lhe é permitido pela incompletude do texto.

A interação sujeito/linguagem é um processo de confronto entre suas estruturas de conhecimento. Nesse confronto, surgem construções, reconstruções, criações e recriações, pois as informações da linguagem textual não são pura e simplesmente transportadas para a mente do sujeito que executa o ato de ler. O ser humano recorre aos seus conhecimentos prévios no reconhecimento dos textos que circulam à sua volta, permitindo-se experimentar diferentes linguagens, pois a leitura é atividade social constante.

Ao interagirem texto verbal, texto não-verbal e sujeito, há tensão entre mundos diferentes, todos fonte de sentido que configuram a leitura: espaço de manifestação da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique generale*. Paris: Gallimard, 1974.
- CAGLIARI, L.C. Interpretando a interpretação de textos. *Leitura: Teoria e Prática*, v. 10, n. 18, p. 23-31, 1991.
- DELL'ISOLA, Regina L.P. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG, 1991.

- GREIMAS, A., COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- MARI, Hugo. Discutindo a leitura. Apud ALMEIDA, Laura B.F. (org.). A leitura em discussão. 1ª parte. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da FaLe/UFMG, n. 5, maio 1992.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica*. Informação e comunicação. São Paulo: Perspectiva, [s.d.].
- PENNA, A.G. *Comunicação e linguagem*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.
- SAPIR, E. *Language*. An introduction to the study of speech. New York: Harcourt, Brace & Co., 1949.
- VERON, E. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980.